

CARTA VII: BASE PARA A LEITURA DOS DIÁLOGOS PLATÔNICOS¹

Emilia Maria Mendonça de Morais *

Pensar e escrever sobre Platão faz sempre atual talvez a mais antiga e recorrente questão: que idéias propugnava realmente o filósofo dissimulado por trás de tantos e até mesmo opostos personagens? Platão foi de fato um combatente em nome da justiça e contra os sofistas sobretudo; contra os democratas e os tiranos dos quais, no plano das idéias, aqueles estrangeiros, livres pensadores, se fizeram porta-vozes – foi assim, pelo menos como atores dramáticos dos diálogos, que eles passaram à posteridade. Exercitando a *maiêutica*, Sócrates é o condutor da maioria dos embates discursivos, dos chamados primeiros diálogos, até aqueles da maturidade. Nos últimos escritos, *Parmênides*, *Timeu*, os incógnitos e anônimos estrangeiros de Eléia e de Atenas, parecem fazer às vezes do mestre que se fez mártir. No entanto, Platão nunca deixou

¹ Texto extraído de capítulo de tese de doutorado em filosofia, em realização junto ao Departamento de Filosofia da UNICAMP, sob a orientação do Prof. Hector Benoit.
* Doutoranda da UNICAMP e professora da UFPB.

explícito que qualquer um desses históricos ou fictícios personagens fosse o seu único e incontestado porta-voz.

Às vezes, assim como o Estrangeiro de Atenas, nas *Leis*, levanta a possibilidade de sermos nós meros joguetes de deuses², também duvidamos se o filósofo sempre fala a sério conosco. Quanto à morte de Sócrates, todavia, não caberia qualquer incerteza - foi um fato histórico sempre tratado nos diálogos com a maior gravidade, passando ao largo de todas as suspeitas e ironias jocosas³. Além disso, podemos também admitir que Platão de nenhum modo brinca, já próximo ao fim de sua vida, quando escreve a *Carta VII*, rememorando aos próximos e partidários de Dion todas as desventuras de suas três viagens à Siracusa; entre os seus poucos e possíveis testemunhos auto-biográficos esse é o único quase consensualmente considerado autêntico.

Não pretendemos fazer aqui a reconstituição das mais douradas discussões em torno da autenticidade dessa carta pois não visamos apenas repetir ou transcrever os principais argumentos dos *scholars*; numa *primeira aposta*, limitamo-nos a presumir a sua autenticidade, de acordo com a larga maioria daqueles que a têm examinado ao longo dos últimos séculos⁴. Refletindo sobre esse escrito epistolar, muito menos como um documento filológico, histórico ou biográfico, mas sobretudo por seu estrito cunho doutrinário, pudemos constatar que nele são abordados os principais tópicos da filosofia de Platão, em seus desdobramentos práticos e teóricos.

² Cfr. *Leis*, 644 d

³ Cfr. SCOLNICOV, S. Como ler um diálogo platônico, in: *Boletim do CPA*, nº 10, Campinas, UNICAMP, jul-dez. 2000, p. 223-237.

⁴ Cfr. BRISSON, L. Remarques Préliminaires, in: PLATON, *Lettres*, Trad. Et présentation de Luc Brisson, Paris, Flammarion, 1997, p. 63-70.

Carta VII: base para a leitura dos diálogos platônicos

Poder-se-ia contudo alegar: a filosofia moral de Sócrates predomina na *Carta VII* por ser um escrito de cunho político. Como só podemos fazer especulações, mais ou menos plausíveis, acerca do que diria respeito ao Sócrates histórico ou ao personagem platônico, preferimos olhar a *Carta VII*, não para tentar distinguir quais concepções seriam do mestre ou do discípulo, mas presumindo que ali estão idéias caras a Platão até o fim de sua vida. Ainda que algumas das hipóteses presentes nos diálogos pudessem ter sido originalmente propostas por seu mestre ou, senão, formuladas após o processo que o condenou à morte, devem ter sido ouvidas até as últimas preleções, advertências e exortações da Academia. Platão sempre procurou integrar o que a nossa mente, mais dependente da herança aristotélica, aprendeu não só distinguir mas separar: o saber prático e o saber teórico. Assim quando, no *Teeteto*, Sócrates associa à discussão sobre a definição da ciência o seu apelo à vida santa e justa, como a mais desejável imitação do divino; ou quando na *Carta VII*, Platão desenvolve considerações em torno de suas hipóteses relativas ao conhecimento, não raros intérpretes preferem enxergar nesses passos apenas uma evasão do conteúdo principal da discussão, uma *digressão*! A digressão do *Teeteto* tem sido não raro menosprezada em relação ao tema mais específico do diálogo; a da *Carta VII*, além da suspeita de seu caráter apócrifo, chega a ser examinada em separado do conjunto do texto. O exame do tratamento dado a essas duas supostas *digressões* é significativo e bem poderia nos ajudar compreender alguns rumos da leitura crítica dos textos de Platão⁵.

⁵ Cfr. *Teeteto*, 172 c – 177 a. *Carta VII*, 342 a – 345 c.

Emilia Maria Mendonça de Morais

Cabe ainda indagar: num escrito epistolar de circunstância, dirigido a um amplo número de destinatários – certamente, bem menos afeitos à filosofia do que os discípulos que freqüentavam a Academia – Platão teria exposto suas idéias de modo acabado ou com o mesmo rigor peculiar aos diálogos? Todavia, uma outra pergunta logo se impõe: em qual de seus escritos Platão teria nos legado um pensamento acabado? Mesmo os chamados diálogos da velhice não nos permitem uma resposta segura ou afirmativa a essa questão. Embora, na *Carta VII*, o filósofo não tenha escrito tudo o que pensava, sem dúvida não escreveu nada contra o que pensava. Ao longo da tradição, o texto tem sido utilizado pelos comentadores sobretudo quando abordam aspectos históricos ou biográficos relativos a Platão. Entretanto, a partir da segunda metade do século passado, a *Carta VII* tornou-se um texto de referência principalmente para a acirrada polêmica desenvolvida acerca das chamadas *doutrinas não escritas*. Desde já, esclarecemos: não é nosso objetivo tomar qualquer partido nessa discussão; nosso intento pode ser considerado talvez mais restrito; abordaremos esse escrito como o principal esteio para a leitura da *doutrina escrita* do filósofo, ou seja, do que está mais explicitamente formulado em seus diálogos.

Por isso, a fim de nos orientarmos nas inescapáveis e infindáveis discussões em torno do necessário reconhecimento do pensador, oculto sob seus múltiplos personagens, propomos uma *segunda aposta*: a de que a *Carta VII*, discurso construído em narrativa direta pelo próprio protagonista dos acontecimentos, no crepúsculo de sua vida, seja um suporte teórico para a leitura do filósofo. Esta sugestão metodológica terá um delineamento circular: se a *Carta VII* é o eixo em torno do qual tentaremos desenvolver uma leitura dos demais escritos de Platão, um movimento de retorno haverá

Carta VII: base para a leitura dos diálogos platônicos

de ser percorrido: impõe-se que a leitura mesma dos diálogos confirme a direção de nosso olhar para a *Carta VII*.

Quais seriam, então, os tópicos relativos à doutrina de Platão firmados na *Carta VII*? Antes de tudo, um esclarecimento: para que nenhuma ordenação aqui pareça arbitrária, serão aqui mantidos na mesma seqüência em que surgem no texto de Platão; mas serão associados aos passos subseqüentes que lhes forem correlatos.

- 1 O gênero humano só ficará livre de seus males quando os filósofos ascenderem ao poder ou quando aqueles que detêm o poder, sob a proteção divina, consagrarem-se à filosofia; o filósofo, *homem divino*, não deverá se evadir da missão de contribuir para instaurar um governo justo, desde que seja solicitado para isso. (322 a, 326 a-b, 327 a -329 b, 330 b - 331 a, Cfr. 335 d, 336 e, 337 e, 340 a – c, 344 a). V. *Apologia, República, Teeteto, Político*.
- 2 O filósofo: aquele que sofre todas as penas e a quem não se pode imputar nada de ímpio; o melhor para si mesmo e para a *pólis*, é procurar sempre o mais belo ou o mais justo, quaisquer que sejam as conseqüências que se possa sofrer; cometer injustiça é o maior mal; padecer injustiça, o menor. Assim, a vida feliz é aquela conforme à justiça, ao verdadeiro, 324 a, 327 a, 334 e–335 a, 350 d –351 a) V. *Apologia, Criton, Górgias, Eutidemo, Banquete, República, Fedro*.
- 3 O domínio de si; a temperança como regra de vida e prescrição primordial do filósofo aos que visam ao governo da *pólis* (324 b, 326 b - d, 330 e - 331 e, 340 b - 341 b, 351a) V. *Apologia, Alcibiades, Górgias, Banquete, República, Fedro, Filebo*.
- 4 Sócrates reconhecido como o mais justo de todos os homens de seu tempo (324 d-e). V. *Fedon*
- 5 A lei igual para todos: condição para que os governantes injustos não continuem sucedendo-se uns aos outros e para o estabelecimento de um regime político justo (326 d, 337 a-d). V. *República, Leis*.

- 6 Tal como o jovem matemático seria o condutor político - capacidade de aprender aliada à afinidade com a justiça (344 a): Exemplo de Dion (327 a-b) V. *República, Teeteto* (144 a)
- 7 O desapareço da filosofia entre os homens comuns (328 e). V. *Apologia, Górgias, República, Teeteto*.
- 8 Que o sábio exorte a sua cidade contra os males que a corrompem, sem correr o risco de morrer ou falar em vão e, Platão adverte, sem se valer da coerção ou de violência contra o governo estabelecido (331 b-d). V. *Apologia, Criton, Górgias, Protágoras*.
- 9 A verdadeira comunidade entre os homens: aquela criada pela educação (334 b). V. *Republica, Leis*.
- 10 Faz-se necessário restabelecer a crença nas *antigas e santas doutrinas* que preconizam ser a alma humana imortal e sujeita a julgamento e sofrimentos após a sua separação do corpo (335 a). V. *Gorgias, Fedon, República, Crátilo..*
- 11 A *opinião verdadeira*: a que deveria ser inculcada em todos os cidadãos de uma *pólis* bem governada: (335 d). *Górgias, República, Sofista, Filebo, Leis*.
- 12 As quatro virtudes: justiça, prudência, coragem e temperança (336 b-c) V. *Protágoras, República*.
- 13 O pensamento em seu mais alto grau é uma aquisição daquele que o persegue; decorre do convívio com um mestre e de um longo e persistente exercício da filosofia, seguidos de uma apreensão súbita da própria alma daquele que o vivencia; não pode ser comunicado através de fórmulas prescritas ou escritas por outrem (341 b–342 a e 344 c-d). V. *Apologia, Alcibiades, Mênon, Fedro*.
- 14 Os nomes, as definições e as representações dos seres, assim como o próprio processo que culmina no conhecimento, não devem ser confundidos com a realidade mesma daquilo que é conhecido (342 a–343 c). V. *República, Crátilo, Sofista*.
- 15 O sábio e o bom piloto do barco que simboliza a *pólis*, presentem as tempestades que a abalam, mas poderá vir a submergir por não

Carta VII: *base para a leitura dos diálogos platônicos*

ter previsto a violência das mesmas (351 d-e). V. *Apologia*, *Gorgias*, *República*.

Assim como um *farol* enraizado no mais firme terreno, o da narrativa do filósofo na primeira pessoa, esses 15 tópicos interligados, evidenciando também como *dokein* e *eînai* são indissociáveis em Platão, poderiam emitir focos constantes iluminando o nosso percurso, não só pelo conjunto dos diálogos, mas também pelos comentários dos intérpretes que nos servem de apoio secundário, desde os antigos até os contemporâneos.

A imagem metafórica também poderia ser outra. A obra de todo pensador clássico, sobretudo a de um filósofo fundador como Platão, pode ser comparada a um prisma, dispersando e dispensando luz a partir de suas múltiplas faces. Tantas faces e tanto mais brilhantes quanto mais atentos forem os seus leitores. Mesmo o crítico mais original e arguto, visando ressaltar a mais densa sombra sobre a obra de um filósofo, não poderia deixar de vislumbrar, embora às avessas, a intensa luz daquele que visa diminuir ou denegar.

Destino paradoxal de todo pensador clássico que se atém à procura de uma unidade fundante do ser e do pensar – sua obra será fragmentada nessa infinita multiplicidade dos olhares. Ainda que um conjunto de escritos componha o mais sólido e compacto dos prismas discursivos, como não poderia deixar de ser, terá sua luz dispersa e refratada, refletindo também o olhar de cada um de seus observadores. Um prisma tem faces vizinhas assim como opostas: posições estabelecidas apenas em relação ao olhar daqueles que o observam. Assim é para toda grande obra: como um prisma de incontáveis faces, cada face desvelada, confere a sua marca, a sua própria tonalidade ao conjunto.

Emilia Maria Mendonça de Morais

Nossa sugestão é focalizar os diálogos a partir do ângulo que nos foi indicado pelo autor – personagem ausente, silencioso ou dissimulado, de suas composições dramáticas: o filósofo que sempre compôs os seus escritos por discursos convertidos em falas alheias. Uma perspectiva de leitura de sua obra, através de uma face epistolar; por mais promitente que seja, trará consigo também seus inevitáveis contornos, seus limites; entretanto estaremos tentando explorar uma via, talvez que menos carregue o signo labiríntico do sinuoso, do indireto ou do secundário, e mais alguns presumidos vestígios do próprio Platão.